

A INFORMALIDADE TOMOU CONTA

Número de ocupados recorde provocou aumento na massa de rendimentos. Porém, a maioria das ocupações foi criada no mercado informal e o rendimento médio não cresceu.

Em linhas gerais, houve melhora do mercado de trabalho brasileiro em 2019. A taxa de desemprego caiu, a população ocupada aumentou, o número de desempregados não subiu, foram gerados empregos com carteira assinada e a massa de rendimentos cresceu. Mesmo com essa evolução observada, a situação ainda é crítica: 12,5 milhões de desempregados, sendo 3 milhões há mais de dois anos, 27,5 milhões de pessoas subutilizadas, 41,4 milhões de trabalhadores na informalidade, 40% apenas das vagas formais perdidas com a crise foram recuperadas, e a renda média dos ocupados não cresceu.

No Rio Grande do Sul, a evolução frente a 2018 se mostrou menos positiva: a taxa de desemprego não caiu (segue no mesmo patamar há praticamente quatro anos), o número de desempregados aumentou e o número de empregos formais recuperados não chega a um terço dos extintos entre 2015 e 2017. Como pontos positivos, além do aumento do número de ocupados, cabe mencionar o maior crescimento da massa de salários e do rendimento médio em relação ao verificado no Brasil.

O Brasil deve chegar ao final de 2019 com nível de desemprego médio de 12,0% ao ano, mesmo patamar verificado atualmente, apesar de nossa expectativa de leve recuo na passagem do terceiro para o quarto trimestre (11,8% para 11,6%). Para 2020, nossas projeções indicam continuidade na trajetória de queda da taxa de desemprego, com média anual em 11,6% e no final do ano de 11,2%. A geração de empregos formais, que chegou a 562,2 mil no acumulado em 12 meses até outubro, deve terminar 2019 com 574,8 mil postos abertos. Em 2020, esperamos a criação de 702,8 mil empregos.

Para o desemprego do Rio Grande do Sul no final de 2019, considerando a média em quatro trimestres, projetamos uma elevação dos atuais 8,1% para 8,4%, com a taxa seguindo seu movimento sazonal e saindo de 8,8% no terceiro trimestre para 8,4% no quarto. Em 2020, nossa expectativa é de uma leve melhora, com a taxa de desemprego média anual de 8,2% e no último trimestre de 8,1%. Quanto aos empregos formais, a expectativa é de geração de 15,6 mil em 2019, um leve aumento frente ao acumulado em 12 meses até outubro (+14,3 mil). Em 2020, esperamos a criação de 37,7 mil empregos no Estado, sendo 15,6 mil na Indústria.

O mercado de trabalho melhorou em quantidade, mas não em qualidade

Após o pico de 12,7%, atingido em 2017, considerando a média anual, a taxa de desemprego do Brasil apresentou queda em 2018 (12,3%). Mantendo a trajetória de lento declínio em 2019, chegou a 12,0% na média dos quatro trimestres encerrados em setembro, patamar que deve ser mantido até o final do ano, segundo nossas projeções¹. Para tanto, a taxa de 11,8% observada no terceiro trimestre deve recuar para 11,6% no quarto. Em 2020, nossa estimativa aponta que o desemprego fechará o ano em 11,2%, com recuo na média anual para 11,6%.

¹ A tabela com as projeções para todos os cenários encontra-se no final do capítulo.

Gráfico 4.1. Taxa média de desemprego – Brasil

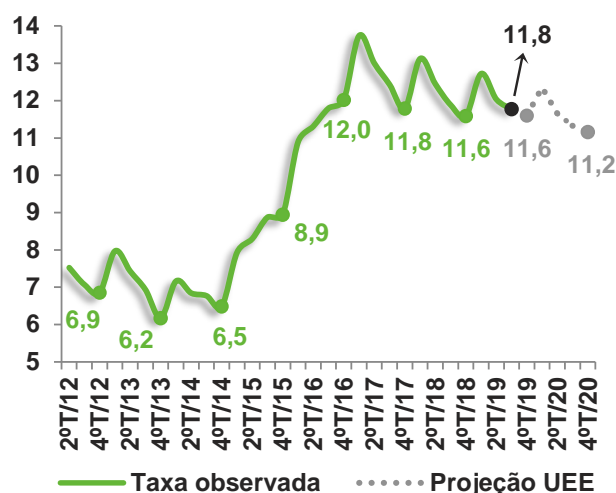
(Em % da força de trabalho – Taxa média anual)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.
OBS: A média em quatro trimestres até o terceiro trimestre de 2019 (último valor observado) foi de 12,0%.

Gráfico 4.2. Taxa de desemprego – Brasil

(Em % da força de trabalho – Taxa trimestral)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.
OBS: Os pontos verdes em destaque referem-se ao 4º trimestre de cada ano, os cinzas são as projeções para o 4º trimestre de 2019 e 2020, e o ponto preto é a taxa no 3º trimestre de 2019 (último valor observado).

A combinação de dois fatores explica a queda da taxa de desemprego observada em 2019: aumento da ocupação e manutenção no número de desempregados. O número de ocupados, na comparação entre o terceiro trimestre de 2019 e 2018, cresceu 1,6%, atingindo a marca de 93,8 milhões de pessoas, recorde da pesquisa iniciada em 2012. Portanto, o emprego gerado foi maior que o número de pessoas que entraram no mercado de trabalho, fazendo a taxa cair.

O aumento no número de pessoas empregadas no mercado de trabalho é um bom sinal, principalmente considerando o atual momento econômico e social do País. Porém, entre os 1,5 milhão de empregos que foram criados no último ano, 996 mil foram na informalidade, com destaque para o ingresso de 653 mil trabalhadores por conta-própria sem CNPJ – motoristas de aplicativo estão nessa categoria – e 385 mil empregados no setor privado sem carteira assinada. Restou ao mercado formal menos de um terço dos empregos gerados: 473 mil pessoas, sendo 362 mil como conta-própria com CNPJ – nessa categoria se enquadram os Microempreendedores Individuais (MEIs) – e 166 mil no setor privado com carteira. Por sua vez, o contingente de desempregados permaneceu em 12,5 milhões de pessoas, interrompendo a trajetória de declínio iniciada em meados de 2017 e que se estendeu até o final do ano passado.

A conjunção de elevação no número de empregados e estabilidade no número de desempregados revela que a força de trabalho cresceu no último ano, ou seja, mais pessoas estão participando do mercado de trabalho. Esse movimento pode ser explicado por dois motivos: 1) simplesmente pelo aumento da população em idade ativa que, mesmo com as taxas menores a cada ano, segue em expansão; 2) pelo retorno ao mercado de pessoas que estavam fora por algum motivo, seja para estudar ou pela falta de oportunidades de emprego.

Olhando para esse segundo ponto, apesar das estatísticas do IBGE apontarem que a queda de 0,2% entre os terceiros trimestres de 2019 e de 2018 não foi estatisticamente significativa, já se percebe, em média, um número menor de pessoas fora da força de trabalho no ano corrente. Vale destacar, por óbvio, que há grande parcela de idosos nesse grupo: 39% das pessoas possuem 60 anos ou mais. Porém, também é nesse grupo que se encontram os desalentados, aquelas pessoas que desistiram de procurar emprego. O número de desalentados

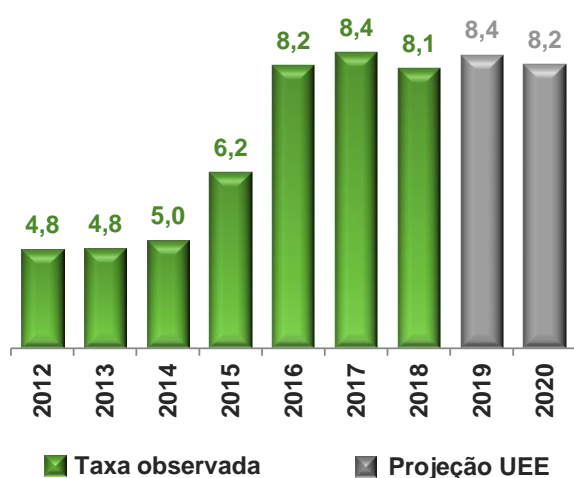
parou de crescer no início de 2019 e já começa a dar sinais de mudança de trajetória. Para esse contingente, na comparação interanual, o terceiro trimestre de 2019 apresentou a primeira redução desde o final de 2014. Mesmo que a variação não tenha se mostrado estatisticamente significativa, já é um sinal de reversão da tendência.

Contudo, em função das dificuldades do ambiente econômico, a volta ao mercado de trabalho é cercada de adversidades. Além da dificuldade de colocação – cerca de 3 milhões de pessoas procuram uma vaga a mais de 2 anos –, o retorno tem ocorrido em empregos precários. Uma estatística que evidencia isso é o aumento no número de pessoas que relatam estar trabalhando menos horas do que gostariam. O contingente de subocupados por insuficiência de horas cresceu 3,4% no último ano (+231 mil pessoas), chegando a marca de 7 milhões de pessoas no terceiro trimestre de 2019, segundo maior valor da série, atrás apenas do trimestre imediatamente anterior (2ºT/19: 7,4 milhões).

Diferentemente do ocorrido no Brasil, a taxa de desemprego do Rio Grande do Sul não apresentou queda em 2019. A propósito, segue praticamente no mesmo patamar desde 2016, quando atingiu 8,2% na média anual². Para o final de 2019, considerando a média em quatro trimestres, projetamos uma elevação dos atuais 8,1% para 8,4%, com a taxa seguindo seu movimento sazonal e saindo de 8,8% no terceiro trimestre para 8,4% no quarto³. Em 2020, nossa expectativa é de uma leve melhora, com a taxa de desemprego média anual de 8,2% e no último trimestre de 8,2%.

Gráfico 4.3. Taxa média de desemprego – Rio Grande do Sul

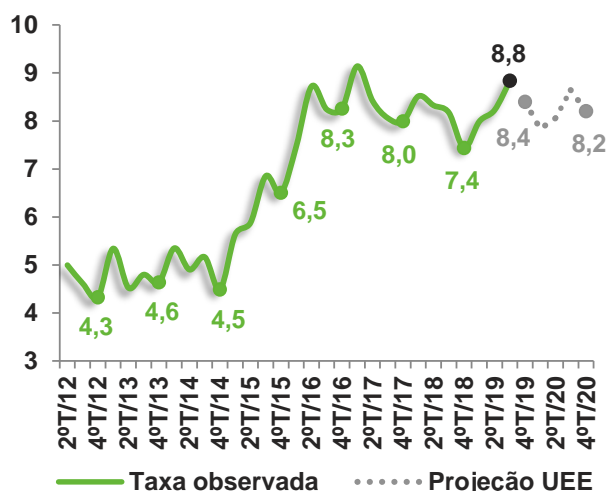
(Em % da força de trabalho – Taxa média anual)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.
OBS: A média em quatro trimestres até o terceiro trimestre de 2019 (último valor observado) foi de 8,1%.

Gráfico 4.4. Taxa de desemprego – Rio Grande do Sul

(Em % da força de trabalho – Taxa trimestral)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.
OBS: Os pontos verdes em destaque referem-se ao 4º trimestre de cada ano, os cinzas são as projeções para o 4º trimestre de 2019 e 2020, e o ponto preto é a taxa no 3º trimestre de 2019 (último valor observado).

Assim como no Brasil, mais pessoas estão participando do mercado de trabalho no RS, dado que a força de trabalho cresceu em 2019 (+2,7% ou +158 mil pessoas)⁴. Porém, a taxa de desemprego não caiu em função da evolução dos dois componentes da força de trabalho terem

² De fato, segundo o IBGE, a última variação interanual estatisticamente significativa foi na comparação entre o primeiro trimestre de 2017 (9,1%) e o respectivo período de 2016 (7,5%).

³ O crescimento da média anual decorre principalmente da taxa média do segundo semestre de 2019 ser muito acima do respectivo período do ano anterior: 7,8% em 2018 (8,2% no 3ºT e 7,4% no 4ºT) contra 8,6% em 2019 (8,8% no 3ºT e 8,4% é nossa projeção para o 4ºT). Na comparação entre a média dos primeiros semestres houve até uma pequena queda: de 8,4% em 2018 para 8,1% em 2019.

⁴ As comparações desse parágrafo são entre as médias dos três primeiros trimestres de 2019 e de 2018.

ocorrido de maneira distinta do que se verificou no Brasil: enquanto em nível nacional houve aumento da ocupação e manutenção no número de desempregados, no RS se verificou aumento de magnitude similar no número de ocupados (+2,6% ou +144 mil pessoas) e de desocupados (+2,8% ou +14 mil pessoas). Em outras palavras, o emprego gerado foi suficiente para compensar o aumento da força de trabalho.

Mercado formal a passos lentos, em linha com a retomada da economia

Conforme descrito anteriormente, o mercado de trabalho formal já demonstra reação, mas em ritmo muito tímido. Essa forma de emprego tende a estar mais correlacionada com o crescimento da economia e a recuperação tem sido muito lenta.

Nos 12 meses encerrados em outubro de 2019, os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) registraram a criação de 562,2 mil postos de trabalho no Brasil. Nossa expectativa é de uma leve aceleração nos dois meses finais de 2019, fechando o ano com a criação de 574,8 mil empregos, resultado acima do observado em 2018 (+546,2 mil). Para 2020, com a aceleração do crescimento projetada, esperamos a criação de 702,8 mil postos de trabalho. Caso as projeções se concretizem, será o terceiro ano consecutivo de geração de empregos. Mesmo assim, as vagas geradas nesse período (cerca de 1,8 milhão) não serão suficientes para repor os 2,9 milhões de empregos perdidos no triênio 2015-2017.

Quanto ao desempenho de 2019, os três grandes setores criaram postos de trabalho nos 12 meses até outubro, com destaque para os Serviços (+494,3 mil) e a menor geração na Agropecuária (+1,4 mil). Na Indústria (+66,5 mil), os quatro segmentos apresentaram saldo positivo, mas a abertura de vagas na Construção (+55,8 mil) foi determinante para o resultado global. A Indústria Extrativa (+5,9 mil) e os Serviços Industriais de Utilidade Pública (+4,6 mil) também contribuíram positivamente. Por fim, a Indústria de Transformação (+224), que concentra o maior número de trabalhadores, praticamente não gerou empregos. Os segmentos de Manutenção e reparação de máquinas e equipamentos (+13,8 mil), Produtos de metal (+7,6 mil) e Alimentos (+7,4 mil) apresentaram as maiores influências positivas, e Vestuário e acessórios (-8,8 mil), Couro e calçados (-8,1 mil) e Veículos automotores (-6,4 mil) tiveram os piores desempenhos.

Tabela 4.1. Geração de empregos formais por setores – Brasil e Rio Grande do Sul
(Saldo em número de vínculos)

	BRASIL		RIO GRANDE DO SUL	
	Acum. 2018	Acum. 12 meses até out/19	Acum. 2018	Acum. 12 meses até out/19
Agropecuária	2.226	1.427	-1.406	856
Indústria	23.808	66.477	1.528	-7.976
Extrativa	1.038	5.903	-241	92
Transformação	1.173	224	849	-3.536
SIUP*	10.191	4.598	-3	-316
Construção	11.406	55.752	923	-4.216
Serviços	520.198	494.282	20.376	21.432
Total da economia	546.232	562.186	20.498	14.312

Fonte: ME/CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.

* Serviços Industriais de Utilidade Pública.

OBS: Dados ajustados com as declarações enviadas fora do prazo ao Ministério da Economia.

No Rio Grande do Sul, foram gerados 14,3 mil postos de trabalho no acumulado em 12 meses até outubro. Nossas projeções são de uma aceleração no último bimestre, com o saldo de 2019 fechando em 15,6 mil empregos gerados. Para 2020, esperamos a criação de 37,7 mil postos de trabalho, sendo 15,6 mil na Indústria. Caso a projeção se confirme, mesmo com mais um ano de saldo positivo, apenas cerca de 70 mil das 156 mil vagas perdidas na crise serão recuperadas pelo Estado, um percentual de 45%.

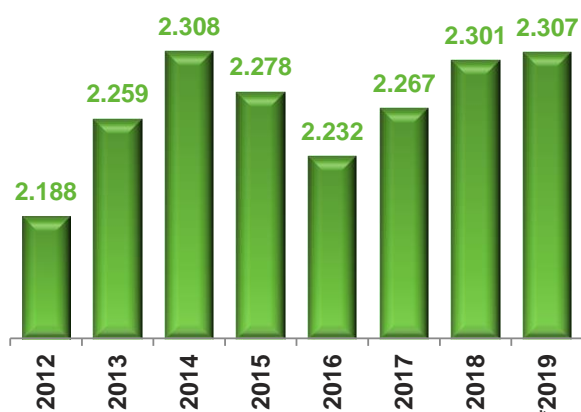
Olhando para os desempenhos setoriais de 2019 na criação de empregos, considerando o acumulado em 12 meses até outubro, o destaque ficou por conta do setor de Serviços (+21,4 mil), enquanto a Agropecuária apresentou geração de somente 856 vagas. Na Indústria, o único a perder vagas nessa base de comparação, o saldo negativo foi de 8,0 mil postos. Dos quatro subsetores, apenas a Indústria Extrativa ficou no campo positivo, mas com somente 92 vagas abertas. Na Transformação (-3,5 mil), os destaques negativos vieram de Couro e calçados (-2,2 mil), Móveis (-694) e Tabaco (-575). Já os positivos de Máquinas e equipamentos (+880), Produtos de metal (+577) e Outros equipamentos de transporte (+513), este quase que exclusivamente determinado pelo resultado de outubro⁵. Por fim, cabe mencionar o desempenho ainda bastante negativo observado na Construção (-4,2 mil).

Renda: o bolo cresceu, mas a fatia de cada trabalhador é a mesma

O aumento da população ocupada, aliada à inflação em níveis historicamente baixos, fez a massa real de rendimentos dos trabalhadores brasileiros crescer. No acumulado do ano até o terceiro trimestre de 2019, comparado ao respectivo período do ano anterior, a elevação no Brasil foi de 2,4%, já descontada a inflação, abaixo da taxa verificada para o Rio Grande do Sul (+5,1%).

Gráfico 4.5. Renda média real habitualmente recebida por mês de todos os trabalhos – Brasil

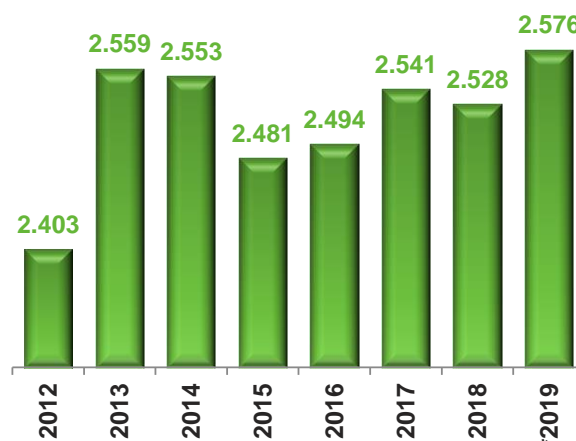
(Em R\$ – Média do ano)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.
*Dados disponíveis até o 3º trimestre.

Gráfico 4.6. Renda média real habitualmente recebida por mês de todos os trabalhos – Rio Grande do Sul

(Em R\$ – Média do ano)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.
*Dados disponíveis até o 3º trimestre.

No entanto, em função de grande parte dos empregos gerados ocorrerem na informalidade, o rendimento médio pouco se alterou. No Brasil, o rendimento médio habitualmente recebido por mês foi de R\$ 2.307 em 2019, praticamente o mesmo patamar de um ano antes (R\$

⁵ Foram geradas 410 vagas de emprego no município de São José do Norte no mês de outubro/19 no ramo de Construção de embarcações de grande porte.

2.301). No Rio Grande do Sul, o avanço foi de 2,1%, chegando a R\$ 2.576 na média de 2019. Porém, cabe mencionar que na comparação trimestral interanual não há variação estatisticamente significativa do rendimento médio real desde o terceiro trimestre de 2015 no Estado.

Tabela 4.2. Perspectivas – Brasil

Geração de postos formais de trabalho – Em mil vínculos

	2018	2019*	Cenários 2020**		
			Inferior	Base	Superior
Agropecuária	2,2	2,5	2,5	8,1	16,7
Indústria	23,8	79,2	151,1	186,3	224,1
Transformação	1,2	4,2	89,3	108,8	129,6
Construção Civil	11,4	64,3	44,7	55,7	67,5
Outras	11,2	10,7	17,0	21,8	27,0
Serviços	520,2	493,1	403,4	508,4	626,5
Total	546,2	574,8	557,0	702,8	867,3
Taxa de desemprego – Em %					
Fim do ano	11,6	11,6	11,7	11,2	10,9
Média do ano	12,3	12,0	12,3	11,6	11,3

Fonte: ME/CAGED. IBGE/PNAD Contínua. * Estimativa FIERGS/UEE. ** Previsão FIERGS/UEE.

Tabela 4.3. Perspectivas – Rio Grande do Sul

Geração de postos formais de trabalho – Em mil vínculos

	2018	2019*	Cenários 2020**		
			Inferior	Base	Superior
Agropecuária	-1,4	0,8	0,7	0,9	1,2
Indústria	1,5	-7,0	12,1	15,6	19,6
Transformação	0,8	-2,8	7,6	10,1	13,0
Construção Civil	0,9	-4,0	4,0	4,7	5,4
Outras	-0,2	-0,2	0,5	0,8	1,2
Serviços	20,4	21,8	13,8	21,3	26,2
Total	20,5	15,6	26,6	37,7	47,1
Taxa de desemprego – Em %					
Fim do ano	7,4	8,4	8,4	8,1	7,5
Média do ano	8,1	8,4	8,5	8,2	7,6

Fonte: ME/CAGED. IBGE/PNAD Contínua. * Estimativa FIERGS/UEE. ** Previsão FIERGS/UEE.